

VERDES ERAM AS ASAS

ARCO-IRIS

Raisa Maria dos Santos Lage

FACULDADE DE LETRAS

Inadmissível deixá-las incompletas: caso o fizesse, ele não entraria no céu ainda aquela noite, e já estava tão tarde... (dezoito de abril, aniversário da Glória. Glória era a empregada, um mal necessário. Precisava gabar-lhe sempre os predicados, senão ficaria sem ela. Marcara na folhinha perto do telefone — véspera de dezenove, São Expedito).

Parou, apoiou o queixo na mão e ficou-se a observar o anjo com as asas verdes apenas esboçadas. Sentia-se mais cansada que de costume, de um cansaço imenso. Mas o coitadinho nada tinha com isso, e as portas ser-lhe-iam vedadas... Acreditava piamente em tal.

Já não manejava o pincel como num prolongamento de sua mão. O enorme vazio da tela parecia-lhe infinito. E sempre gostara que fosse grande; espaços inexplorados a serem percorridos... Enveredara por outras artes, porém apenas a pintura a gratificava: desde cedo fizera-se em flores e amores por ela. Quando solucionava os problemas do ritmo, da composição, do volume, poder-se-ia dizer como um vulcão em plena atividade — a larva escorreria e se depositaria no registro de seu gesto.

O porquê daquela preferência pelo verde? Irrelevante investigar motivos; mas o amor, esse era antigo, assumido e forte — desejaria tornar-se liliputiana (lembra-se de Gulliver?), penetrar

nos meandros da cor e sair por aí pintando de verde o que bem lhe aprouvesse. Sabia-o amigo na batalha pela conquista da perfeição cromática (mais histórias teria para contar de lutas que de vitórias propriamente ditas: questionável o conceito de vitória, afinal de contas).

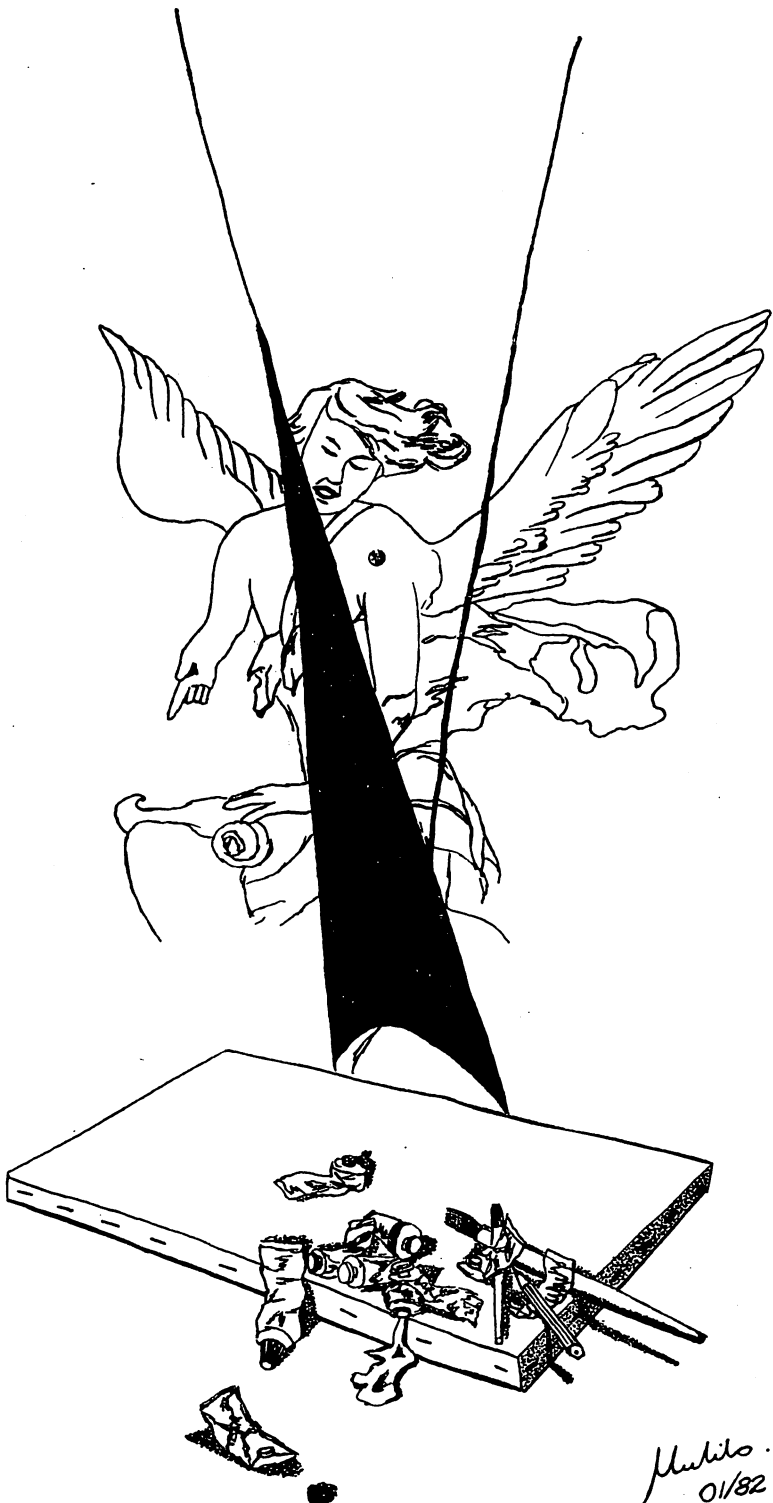
Lembrava-lhe ele as serras de Curvelo, que moravam em seu coração. Quando pintadas ao som da música clássica, sóbrias e elegantes. Inflamavam-se ardentes em irregularidades, sendo a musica espanhola. Diferenças imperceptíveis para os pobres mortais não cultores da arte, em qualquer dimensão. Menosprezava-os em sua insensibilidade. Mas as serras de Curvelo... Ai, o verde, as serras, a fazenda, a infância e a juventude, o conflito, a espera, a dor...

Divagando, retrocedeu a um tempo em que fora mais feliz. Resquícios desse tempo existiam em seus temas, ser-lhe-ia inútil negá-lo. Por que eram eles quase que repetitivos, sempre? Os anjos, uma constante: representariam a almejada fuga do autoritarismo paterno, que ficara apenas em planos. Idéias e princípios eram-lhe impostos — jamais reagira a tal imposição. Deu para ilhar-se em sua pintura, construindo para si um mundo à parte; como lhe agradava o silêncio de seu mundo... Aquela época e aquele lugar reproduziam-lhe sofridos, e tanto! Nunca se identificara a tal ponto com a solidão. Por que, então, lhe eram queridos? Percebia, e bem, a contraditoriedade do sentimento. Sentia, apenas.

Marido e filhos seriam meros elementos decorativos em sua vida; por isso não os quisera. Quando os vínculos foram rompidos (ou se não rompidos, enfraquecidos), distanciou-se e viveu em função de sua arte.

Num ligeiro sobressalto, o caos de seu atelier. Um ríctus amargo nos lábios. Uma crispação dos dedos na espátula (a de cabo verde? Coincidência...). Vários golpes na superfície da tela — ruídos estranhos, na madrugada. Um prazer inaudito na violentação de sua obra.

Pouco se lhe dava que o anjo não entrasse mais no céu. Necessário agora fazer desaparecer a tela: Glória não sabia guardar segredos.



Mulito.
01/82